

Gabriela Montero



GULBENKIAN
MÚSICA

12 dez 22

12 dez 22 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Gabriela Montero Piano

**Johann Sebastian Bach /
Ferruccio Busoni**

Chaconne da Partita para Violino solo n.º 2,
em Ré menor, BWV 1004

c. 14 min.

Fryderyk Chopin

Polaca-Fantasia em Lá bemol maior, op. 61

c. 13 min.

Sergei Prokofiev

Sarcasmos op. 17

c. 12 min.

INTERVALO

Robert Schumann

Kreisleriana op. 16

c. 31 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Ferruccio Busoni

(Empoli, 1866 – Berlim, 1925)

Chaconne da Partita para Violino solo n.º 2, em Ré menor, BWV 1004

COMPOSIÇÃO c. 1720 (Bach) / 1893 (Busoni)

DURAÇÃO c. 14 min.

Nascido na Toscana, no seio de uma família de músicos profissionais, Ferruccio Busoni estreou-se como pianista virtuoso em Viena, quando contava apenas oito anos de idade. Posteriormente, desenvolveu uma prolongada atividade pedagógica em diversas instituições da Europa e dos EUA, antes de se fixar em Berlim, em 1894. A sua atividade repartiu-se então pela composição e pela direção de concertos de música contemporânea, à frente da Orquestra Filarmónica de Berlim. Para a formação do estilo composicional de Busoni colaboraram dois vultos cimeiros da tradição musical europeia: por um lado Franz Liszt, carismático representante do virtuosismo pianístico romântico, cuja morte sobreviria no ano em que Busoni completava o seu vigésimo ano de vida; por outro lado, Johann Sebastian Bach, paradigma da era barroca, que não deixou de exercer uma influência profunda em toda a geração de Busoni, apesar da maior distância no tempo. Busoni considerava os dois compositores, respetivamente, “ômega” e “alfa” da literatura para piano, duas forças vitais para o alargamento e diversificação das possibilidades técnicas e idiomáticas do instrumento. Um domínio que contribuiu para celebrar Busoni como exímio conhecedor dos recursos do piano

foi o da transcrição e arranjo de obras destes e de outros compositores, entre os quais Mozart, Beethoven, Brahms, Chopin, Cornelius, Schumann e Wagner. A maior parcela desta antologia de peças é constituída pela transcrição para piano de obras para órgão de J. S. Bach, um projeto iniciado por Busoni em 1888 e continuado até à publicação da *Bach-Busoni gesammelte Augsgabe* (Leipzig, 1920). A celebérrima *Chaconne* da Partita para Violino solo n.º 2, BWV 1004, é um dos frutos memoráveis da estadia de Bach na corte calvinista de Cöthen, durante a qual teve origem a parte mais significativa da sua produção de música instrumental. Compiladas cerca de 1720, as seis Partitas e Sonatas para violino solo são testemunho de um conhecimento aprofundado das possibilidades técnicas e expressivas do instrumento, muitas delas até aí não conhecidas. A complexa teia de interações melódicas, rítmicas e harmónicas patente na escrita original foi esplendidamente captada pela pena engenhosa de Busoni, num exercício de aproximação entre o fraseado violinístico barroco e a sensibilidade romântica do piano.

RUI CABRAL LOPES

Fryderyk Chopin

(Żelazowa Wola, 1810 – Paris, 1849)

Polaca-Fantasia em Lá bemol maior, op. 61

COMPOSIÇÃO 1845-1846

DURAÇÃO c. 13 min.

A Polaca-Fantasia op. 61 integra o leque de obras tardias de Fryderyk Chopin. Foi composta entre 1845 e 1846, em Nohant, e dedicada a Madame A. Veyret. Assume-se como uma obra peculiar em vários sentidos, num resultado que procura combinar traços de uma linguagem heroica que Chopin utiliza nas suas *Polonaises*, e uma liberdade de escrita que remete para a fantasia, acrescentando uma considerável complexidade harmónica e conceção musical densa. Em rigor, o título atribuído à obra, ainda que revelador do seu conteúdo, terá apenas surgido quando o compositor a terminava. Na sua correspondência, encontramos uma possível referência a uma obra que estava a terminar nesse período, mas que, segundo o próprio, não sabia ainda como denominar. O título bipartido espelha o modo como Chopin utiliza material contrastante para momentos

mais melancólicos associados à fantasia, em particular com o uso de arpejos ascendentes e livres, e o desenho rítmico mais vivo da *polonaise*.

O início da obra, após os acordes em *forte*, introduz-nos num ambiente quase contemplativo, anunciado pelos arpejos ascendentes em piano, de forma livre. Chopin apresenta depois diferentes temas com caracteres distintos, denotando-se o gosto refinado nas melodias *cantabile* e expressivas, o virtuosismo e sentido heroico noutras secções ou o dramatismo em momentos mais agitados. Os arpejos iniciais surgem novamente, depois de uma secção intermédia mais lenta, conduzindo ao final em *pianissimo* e *ritenuto*, que contrasta com o acorde conclusivo em *fortissimo*.

PEDRO RUSSO MOREIRA

Sergei Prokofiev

(Sontsivka, 1891 – Moscovo, 1953)

Sarcasmos op. 17

—

COMPOSIÇÃO 1912-1914

DURAÇÃO c. 12 min.

1. *Tempestoso*
2. *Allegro rubato*
3. *Allegro precipitato*
4. *Smanioso*
5. *Precipitosissimo*

Na primeira metade do século XX, Sergei Prokofiev desenvolveu uma linguagem musical inovadora e inconfundível. Precocemente dotado para o piano e para a composição, foi em boa parte através das suas obras para piano que contribuiu de forma artisticamente eloquente para o advento do modernismo musical. Ainda aluno do Conservatório de São Petersburgo – onde ingressou aos 14 anos – iniciou a sua atividade pública em 1908, como compositor e concertista, vindo a afirmar-se rapidamente no seio de uma linguagem estética de grande aspereza harmónica e rítmica. O seu virtuosismo e criatividade permitiam-lhe olhar o piano de forma multifacetada, explorando as características percussivas do instrumento, para além da capacidade de invenção melódica.

As obras para piano de Prokofiev exprimem, desde o início, um pensamento musical inovador e a procura de uma forma ideal de complementaridade entre o compositor e o intérprete. Escritos entre 1912 e 1914, os cinco andamentos que constituem a obra *Sarcasmos* op. 17, revelam uma notável exploração musical,

levando alguns analistas a referir o uso de “notas erradas agressivas” como meio de representar o riso irónico. Mas os elementos ditos “grotescos” do estilo de Prokofiev foram bem recebidos pelo público e pelos críticos. A obra foi estreada pelo próprio compositor em 1916, com grande sucesso, no Conservatório de Petrogrado. Não obstante, estes “sarcasmos” parecem desenhar também um sorriso amargo do jovem compositor, a expressão de um certo desdém irónico em relação às mudanças sociais e culturais em evolução na Rússia do seu tempo. Em breve, durante quinze anos, entre 1918 e 1932, Prokofiev iria estar ausente dos territórios da União Soviética em repetidas digressões. Os cinco *Sarcasmos* estão construídos sobre uma estrutura de dois temas, com o regresso do tema inicial no final de cada peça. Como se torna evidente nas 1.^a e 3.^a peças, o segundo tema é geralmente mais lírico do que o primeiro, sendo este mais percussivo e áspero. A segunda peça inicia-se de forma contemplativa, com um tema de carácter despreocupado. *Smanioso* (“frenético”) apresenta-se nervoso no início, evoluindo para uma tensão moderada na segunda parte. O último “sarcasmo” é um dos mais subtis, revelando um mundo sonoro de ansiedade e melancolia.

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Endenich, 1856)

Kreisleriana op. 16

COMPOSIÇÃO 1838

DURAÇÃO c. 31 min.

1. *Äußerst bewegt* (Agitadíssimo)
2. *Sehr innig und nicht zu rasch*
(Muito expressivo e moderado)
Intermezzo I: Sehr lebhaft (Muito vivo)
Erstes Tempo (Tempo I)
Intermezzo II: Etwas bewegter (Mais animado)
Erstes Tempo (Tempo I)
3. *Sehr aufgeregt* (Muito agitado) –
Etwas langsamer (Moderado)
Erstes Tempo (Tempo I) –
Noch schneller (Mais rápido)
4. *Sehr langsam* (Muito lento)
5. *Sehr lebhaft* (Muito vivo)
6. *Sehr langsam* (Muito lento)
7. *Sehr rasch* (Muito rápido)
8. *Schnell und spielend* (Rápido e lúdico)

Um dos pontos altos da produção musical de Robert Schumann foi alcançado com a composição de *Kreisleriana* op. 16, um conjunto de oito fantasias compostas em abril de 1838. Sucedendo a *Kinderszenen* (“Cenas Infantis”) op. 15, partilha o mesmo elemento sentimental da obra precedente, a relação amorosa de Robert Schumann com Clara Wieck, sua futura mulher. Profundamente expressiva na sua linguagem, *Kreisleriana* é uma obra que encarna os conflitos existenciais típicos do homem romântico, reforçados, neste caso, pela vivência da uma luta apaixonada pela sua amada Clara: “Esperei três bonitos dias de primavera pela tua carta. Depois de chegar e em apenas quatro

dias, escrevi *Kreisleriana*. Um mundo completamente novo foi-me dado a conhecer (...). O meu pensamento em ti domina-as completamente (...). A minha música parece-me agora maravilhosamente realizada, tão simples e vinda diretamente do coração. Música bizarra, música solene (...), sinto-me frequentemente explodir pela força da música.” Ao longo das oito peças encadeadas e extremamente coerentes na sua sucessão, *Kreisleriana* contém um acentuado cunho autobiográfico – dissimulado sob a referência a Johannes Kreisler, um personagem criado pelo romancista e dramaturgo E. T. A. Hoffmann, simbolizando o músico romântico e fantasista e em conflito constante com a sociedade e com os detratores da estética musical moderna. Perfil que inevitavelmente agradaria a Schumann, o qual dedicou a Chopin esta obra atormentada, fantástica e intimamente subjetiva e onde coexistem o fantástico, o grotesco, o afetuoso e o apaixonado. Aquela que Schumann consideraria ser a sua melhor composição, dificilmente permite que as oito peças que a constituem sejam tocadas separadamente, sendo esta característica indicativa da unidade global da obra. A maior parte das peças é atravessada por episódios que contrariam o seu clima geral, transmitindo esta construção, “em rotura” com a normal fluência do discurso, uma sensação de improviso e um vincado estado de instabilidade emocional.

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

Gabriela Montero

Pianista e compositora, a venezuelana Gabriela Montero é uma artista multifacetada. Instinto musical, virtuosismo e capacidade de improvisação, são atributos que lhe valeram os elogios da crítica e os aplausos do público nos mais importantes palcos do mundo. Os destaques de atuações recentes incluem estreias com a New World Symphony, sob a direção de Michael Tilson Thomas, com a Sinfônica Yomiuri Nippon, em Tóquio, e o maestro Aziz Shokhakimov, com a Orquestra de Valência e Pablo Heras-Casado, e com a Sinfônica de Bournemouth e Carlos Miguel Prieto. Tocou também recentemente o Concerto para Piano n.º 1, “*Latin Concerto*”, de sua autoria, com a Orchestra of the Americas, na Elbphilharmonie de Hamburgo e no Festival de Edimburgo, bem como no Carnegie Hall de Nova Iorque. Em 2018 foi-lhe atribuído o prestigioso Prémio de Música do Festival de Primavera de Heidelberg. Para além de colaborar com muitas das principais orquestras mundiais, Gabriela Montero apresenta-se também com frequência em recital a solo ou em música de câmara, em palcos como Wigmore Hall, Kennedy Center, Konzerthaus de Viena, Philharmonie de Berlim, Frankfurt Alte Oper, Gewandhaus de Leipzig, Herkulessaal de Munique, Ópera de Sydney ou Concertgebouw de Amesterdão. É também uma presença regular em festivais de música como os de Milão, Salzburgo, Turim, Lucerna,

Ravinia, Gstaad, Saint-Denis, Aldeburgh, Cheltenham, Rheingau, Ruhr, Trondheim, Bergen ou Lugano.

Gabriela Montero recebeu vários prémios pelas suas gravações. Em 2019 a Orchid Classics lançou um álbum que inclui o “*Latin Concerto*” de Montero e o Concerto em Sol maior de Ravel. A sua anterior gravação, com o Concerto para Piano n.º 2 de Rachmaninov e a primeira composição orquestral de Montero, intitulada *Ex Patria*, valeu-lhe o seu primeiro *Grammy Latino* para “Melhor Álbum de Música Clássica”.

Primeira mulher a vencer o *International Beethoven Award*, em 2018, pelas suas contribuições para a música e para a defesa dos Direitos Humanos, Montero foi também nomeada, em 2015, Consul Honorária da Amnistia Internacional, sendo reconhecida pela Fundação para os Direitos Humanos em função do seu “Excepcional Trabalho no Campo dos Direitos Humanos”, nomeadamente em relação à realidade venezuelana. Discursou e tocou duas vezes no Fórum Económico Mundial, em Davos-Klosters. Em 2012 recebeu também o Prémio Rockefeller pela sua contribuição para as artes.

Nascida em Caracas, na Venezuela, Gabriela Montero deu o seu primeiro concerto público aos oito anos de idade. O governo venezuelano atribuiu-lhe uma bolsa para poder estudar nos EUA e posteriormente na Royal Academy of Music, em Londres, com Hamish Mile.

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

200 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Dezembro 2022

